

Preços d'assignatura:

Para a cidade, por anno rs. 1200 — Semestre 600 rs. — Provincias: — Por anno rs. 1800 — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Anuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha, repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs.

O FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE Á CAUSA DA PATRIA

Advertencias:

Assigna-se e vende-se na rua Nova n.º 3. Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte, á redacção do FUTURO, rua de D. Pedro 5.º n.º 13.

3.º ANNO

PUBLICA-SE Á SEXTAS FEIRAS

NUMERO 147

BRAGA 8 DE JANEIRO DE 1874

Dialogo interessante a respeito do «Futuro»

Não percaes nunca a memoria d'esta mui fiel historia.

PALMEIRIM.

Debaixo da alameda, que borda uma das margens do Lethes, no lindo e pittoresco *Passeio publico*, na villa de *Ponte do Lima*, passeavam, ao cair da tarde, tres individuos, os quaes a julgar pelo traje, gesto, movimentos e fallas, similhavam homens de não pequena representação social.

No mesmo lugar, e não mui distantes, andavam o redactor d'este jornal e alguns amigos seus, desafiando as injurias do tempo, que n'essa occasião apertava a pobre humanidade com uma temperatura quasi abaixo de zero, quando uma questão acalorada obrigou aquelle a prestar toda a attenção ao que se dizia:

— Que imaginam os leitores que havia de ser? — Algum problema mathematico? Algum facto historico, em controversia? — Talvez, algum principio politico? Nada d'isso; coisas muito lindas a respeito do julgamento d'este jornal.

— V. ex.^a, dizia um, voltado para outro, o qual, como todos, tinha phisionomia inteiramente desconhecida, assegura-me que o jornal o «Futuro» depois de condemnado, como foi, o seu editor, hade acabar e morrer. Oh! pelo amor de Deus! pois eu posso afirmar-lhe este jornalsinho não acaba, nem morre senão quando acabar e morrer o seu redactor, ou antes o partido legitimista!

Se estivesse aqui o redactor do «Futuro», diria isto mesmo a v. ex.^a.

— E mal pensavam os taes ratões que o redactor os escutava!

— Que diz? tornou o outro, que tinha ares de homem liberal. — Por ventura não viu v. ex.^a que a lei o julgou e a justiça o condemnou? — E que importa isso? — Que tem o procedimento dos homens contra a legitimidade dos principios? — Aca-so não alcançou o «Futuro», e por tanto, o partido legitimista, um verdadeiro triumpho moral? — Não mostrou Pinto Coelho, ao chamado partido liberal, que tudo quanto o jornal o «Futuro» tinha dito, já tinha sido escripto por homens liberaes e pronunciado em sessões de camaras parlamentares?

— Não mostrou, com documentos, que tudo o que se disse no artigo *Fantasma* eram factos historicos?

— Quem ha ahí que tenha poder para fazer callar a voz da historia?

Se esta fosse a narração parcial de acontecimentos deixaria de ser historia, isto é, a mestra da vida a conselheira da humanidade.

— O que é certo é que o «Futuro» foi condemnado por culpa do mesmo partido.

— Como assim?

— Lá mesmo em Braga me disse um jurado, que era bacharel advogado, rapaz muito instruido (sic) e que me merece todo o conceito (sic) que o «Futuro» seria absolvido (sic) se não dessem á sua defeza um caracter partidario, com a vinda de um dos seus chefes politicos, Pinto Coelho.

— Essa não é má! — Então se Pinto Coelho não fosse o defensor do «Futuro» este era absolvido? Pois, então, direi a v. ex.^a uma cousa: valeu tanto a vinda de Pinto Coelho, que ainda que fosse maior e mais severa a sentença, tudo se reputaria por nada. Mas essa não foi a razão, porque os jurados não absolveram o «Futuro», pois estavam dispostos a condemnar-o ainda mesmo antes de saberem quem era o seu defensor. A questão era de odio e rancor partidario! Eu sei, de boa fonte, que, nas vespervas do dia do julgamento,

andou um jurado, bacharel, a pedir a outros jurados o seu voto contra o editor do «Futuro».

— Então, parece, dizer com isso que nós já sabiamos quem eram os jurados que haviam de sair no sorteamento?

— Assim, se dizia, em Braga; e até ouvi dizer a pessoa competentissima que se fez batota na urna.

— O que, sr.?! Que diz? — E' lá possível tal cousa? — Isso é cousa que se diga?

— E', sim, sr., é cousa que se diz e que se faz muitas vezes. V. ex.^a sabe que não ha muito, que, aqui, n'esta villa, se deu um caso d'esses. Na vespera, poseram-se á flôr da urna, os bilhetes dos nomes de quem convinha; e o caso foi, que aquelles para quem se apontava na vespera saíram todos sem falhar um só! Ora, em Braga, dizia-se, que acontecera o mesmo, no julgamento do «Futuro» Eu creio que assim fosse pela seguinte razão: compondo-se a lista dos jurados de tantos legitimistas e de liberaes moderados, no sorteamento saíram, unicamente, liberaes exaltados, á excepção d'um.

— Isso foi, apenas, coincidência, um acaso.

— Sim, um acaso que escolheu tres bachareis! Um acaso que escolheu um advogado! Um acaso que fez dizer a alguns jurados, antes de entrarem para o tribunal, que se saíssem no sorteamento haviam de absolver o responsavel, e depois o condemnaram!

— E que me diz v. ex.^a do que se passou, nas covas de Cafarnaú, ao dar-se como provados ou não os quesitos?

— Não sei; mas supponho que aquella grande demora era uma prova de que a votação foi conscienciosa, por isso que o tempo decorrido me dá aso a interpretar que houve discussão e portanto que o voto foi esclarecido.

— Votação?! Ah! Ah! Ah! *risum lenialis amici!* — Pois, não sabe que um bacharel, um dos advogados das duzias, não consentiu que houvesse votação secreta?

— Não?! — Pois, é verdade. Desfez os pulmões a provar que se o reo fosse absolvido era um escandalo *inaudito*, uma injustiça *flagrantissima*, um mal *gravissimo*, uma vergonha *immensissima*, uma nodoa *infamissima*, uma responsabilidade *grandissima*, etc. etc., e como que forçou alguns, que eram empregados, a dizer que davam como provados os quesitos.

— Parece incrível! — Como sabe isso?

— Sei-o por elles mesmos o dizerem.

— Ora essa?! — E' verdade.

— Já vejo que a condemnação do «Futuro» não fica a cargo do partido liberal, porém, sim, e sómente, de meia duzia de homens, que de liberaes só tem o nome, ou nem isso, intolerantes, estupidos, malcriados etc., etc.

— Isso não sei; v. ex.^a lá o lê, lá o intende, como pertence á mesma raça, quero dizer, familia!..

— Que diz? Eu pensei que no processo do «Futuro» houve, sómente vontade de cortar excessos, porém, agora, vejo que houve mais alguma cousa, houve também, rancor e odios que já, de ha muito, deviam estar extinctos.

— V. ex.^a não sabe o que eu sei a respeito de tal assumpto, se o soubesse, oh! mas não quero que se diga que sou juiz em causa propria. — V. ex.^a quer tomar um calice de Cognac juntamente com estes amigos?

— Vamos lá.

Foi, então, que o redactor d'este jornal, ficou privado de tão interessante conversa. Depois de não os poder conhecer, apenas, colheu da conversa e dialogo, acima expendidos, que aquelle que fallava a favor

do «Futuro», era legitimista, e que aquelle que fallava, contra era liberal.

Deu-se os parabens a si mesmo por se achar, casualmente, n'um lugar onde ouviu coisas ignoradas e increditaveis.

Discurso pronunciado por Sua Santidade no dia da Immaculada Conceição, diante de grande numero de senhoras que apresentavam alfaías para as egrejas pobres.

«Celebramos hoje a festa da Immaculada Conceição: dir-vos-hei pois algumas palavras sobre esta festividade, para fortalecer e para alimentar a vossa fé e a vossa piedade, recordai-vos-hei a visão d'aquella arvore mysteriosa cuja significação interpreta o propheta Daniel, segundo se lê nas suas prophecias.

Era uma planta de extraordinaria grandeza, cuja copa parecia tocar no céu e cujos ramos se estendiam sobre toda a terra. A' sombra d'esta planta se abrigaram todos os animaes do campo: sobre seus ramos tinham seus ninhos as aves do ar e se alimentavam dos fructos de que estava carregada.

Porém no melhor instante da visão, conta o propheta, ouviu-se a voz de um anjo bradando: *Succiditem arborem*. Logo que foram ditas estas palavras, o machado atacou o tronco e a arvore caiu: ramos, folhas e fructos se seccaram, e o restante ficou inutilizado em terra. No entretanto ouviu-se a mesma voz dizendo: *Cortae a arvore; mas deixae na terra a semente da sua raz.*

Minhas amadas filhas: a meu ver esta arvore caída representa o genero humano depois do peccado, e esta raiz que permanece intacta sobre a terra é a figura exacta da Virgem Santissima. Foi ella, na verdade, a raiz d'onde saiu a flôr divina que foi Jesus Christo: *et flos radice ejus ascendit*. Ella produziu a graça divina já perdida que manifestava a sua força no tronco cortado e a sua belleza na flôr.

Em redor d'esta raiz, que tão maravilhosamente brotou, se aggrupam hoje todos os catholicos da terra e todas as boas almas. Também vós vos reunis em roda d'esta raiz que produz tão salutares e abundantes fructos.

Tambem vós os produzis: eis aqui a prova d'isso. (E apontou para as alfaías offercidas). Eis aqui a prova da vossa união com a Santissima Virgem, que ama o ornamento da casa de seu Filho, e quer que as egrejas sejam conservadas com o esplendor conveniente; ella pôde dizer e podeis repetir vós também: *Dilexi decorem domus tuae*.

Daes graças a Deus, que ao mesmo tempo vos dá o espirito da oração e o das boas obras, porque aquella sem estas não é boa nem efficaz.

Esta é a razão dos muitos males que affligem a Europa.

Pedir e não praticar, implorar os auxilios do céu e não cumprir em cousa alguma com a vontade de Deus, é uma contradição; d'este modo não se consegue o que se deseja. Vejo que em muitos lugares e reinos se confia só em orações e só d'elles se espera o termo dos males.

Por toda a parte perguntam: quando veremos acabados os dias da tribulação?... Quando? Dirvo-lo-hei eu: quando as demonstrações de piedade feitas nas egrejas corresponderem ás obras que se praticam fora d'ellas.

Digo-vos entretanto, e dil-o-hia a todas as mães se me ouvissem: Recommen-do-vos vossos filhos. Dizei-lhes que o demonio, que foi o primeiro revolucionario do mundo, enganou uma esposa e mãe, e d'esse primeiro engano vieram tantos ma-

les, felizmente reparados pela flôr nascida do tronco de Jessé.

Oh! dizei-lhes que do mesmo modo que Adão, enganado pela mulher e pelo demonio, reconheceu que estava em estado de nudez, assim muitos mancebos, que prestam ouvidos ao demonio, se acham despídos de todo o bem moral e material, porque a revolução é uma féra insaciavel, que tem mais fome depois que antes de comer. Não cessemos comido de orar: acompanhemos a acção christã com a oração.

Rogo por mim, por vós e pelas vossas familias. Dizei aos vossos, que andam extraviados ou correm esse perigo, que façam todo o possível para cerrar os ouvidos ás seducções e suggestões dos que, prometendo venturas, não dão senão tribulações.

Voltemo-nos para Maria, roguemos a tão terna Mãe que, pois o é de misericórdia se compadeça de nós.

Ha muito que esperamos e invocamos a paz; porém a paz não chega e não vemos cessarem os rigores da divina justiça que ainda faz pesar sobre nós os seus rigores.

Fal-o, sem duvida, para castigar nossas faltas, ainda pouco expiadas.

Ah! sim! Lembremo-nos da Santissima Virgem. Como é o canal de todas as graças, peçamos-lhe resignação com a vontade suprema, e que nos conceda a dita de ver apoz as trevas a luz, e apoz as revoluções a paz.

Levantemos os olhos ao céu, e desça a benção do Senhor pelas mãos purissimas de Maria sobre o indigeo vigario de Sen Filho, sobre vossos amigos, sobre vossas familias, parentes e sobre todos os que vos pertencem. Possa esta benção acompanhar-vos até á morte, afim de que possamos dizer, confiados em Maria:

*«Quando corpus morietur
Fec ut animae douetur
Paradisi gloria. Amen.
Benedictio Dei etc.»*

Um politico feito theologo.

Ainda não acabou a mania de collocar a razão acima da fé, e o que é mais ainda, de as collocar ambas em completa antithese.

Lá vem, agora, um e diz-nos: a razão é a unica fonte dos conhecimentos humanos; lá vem, depois, outro, e diz-nos o raciocinio é a unica demonstração no campo das sciencias, e estas tem feito progressos tamanhos que já não admittem outra auctoridade senão a da demonstração. N'este tom falla um jornal francez chamado o *Memorial diplomatique*.

Eis como falla a este respeito o erudito e illustrado auctor da Revista Critica na «Correspondencia de Portugal»:

«Tem as sciencias feito descobertas e progressos tão notaveis que não accetando outra autoridade senão a da demonstração, já hoje dominam todas as crenças religiosas.» Assim o diz o *Memorial diplomatique*, que á falta de novidades se viu obrigado a deitar philosophia. Não o chama Deus para este officio. Quando referia o que se passára na intima conferencia de dois principes, ou o que vogára no perfumado ambiente dos salões politicos, embora, por acudir ao equilibrio europeu, transferisse ás vezes para a Europa o Maranhão, sempre nos deleitava com a perspectiva de ignotos horisontes; agora porém que, á mingoa de carvão, desfraldou as velas da philosophia, em vez de deleitar, magôa a gente com o terrivel sentimento de um naufragio.

Que as sciencias não admittem outra autoridade senão a da demonstração, e que a humanidade moderna avança sempre e

por toda a parte, não são confidencias diplomaticas de que não haja no vulgo uma certa resonancia; e maravilha fóra tanto que nos dominios intellectivos regesse outra soberania, como que a humanidade moderna estivesse parada a jogar a bisca com Ignacio de Loyola. A propria humanidade antiga, de quem as vedetas do futuro afastam desdenhosamente a vista, dizem alguns historiadores que apesar de cega e potrosa tambem dava os seus passos pelo caminho do progresso. Não é pois novidade que mereça alvizaras nem que a sciencia só reconheça a autoridade da demonstração, nem que a humanidade moderna, como a humanidade antiga, caminhe sempre e em toda a parte para novas e cubizadas regiões.

O que é novidade é que as sciencias estejam hoje dominando todas as crenças religiosas, e que o horizonte do espirito humano se torne cada dia mais pantheista de sectario e legendario que era nos seculos passados. Isto sim, isto é novidade e novidade que se não fosse a respeitavel autoridade, que se o diz é porque o sabe, ninguem de certo acreditára. A sciencia a dominar a religião e o espirito humano a converter-se de sectario e legendario em pantheista, são dois factos eguaes que já não deixam parar a humanidade moderna como, para tomar a sua pitada, parava ás vezes a humanidade antiga.

Dominar a religião é phrase diplomatica de proposito estudada para adoçar a violencia da intenção; o que esta premedita porém não é dominar, é, diga-se em franca linguagem, estrangular a religião. Dominar não podia ser porque o raciocinio não pôde dominar a fé sem a extinguir.

A sciencia e a religião, comquanto ambas explorem a verdade, exploram-na todavia com differentes faculdades, em differentes esferas, e com differentes alcances. A sciencia vive no mundo intelligivel, a religião no mundo sobreintelligivel, a sciencia analisa, a religião crê, a sciencia conhece, a religião sente, embora o que uma perfeitamente sente e a outra imperfeitamente conhece seja a mesma e unica verdade, na sciencia sem vida e tão desmembrada em conceitos e noções que é impossivel reconstruí-la, na religião viva e animada com a influença do espirito divino.

Que a sciencia faça conquistas nos dominios da fé, levando ás penumbas da alma a candeia da razão, não contesto; o que afoitamente contesto é que a sciencia, a mais illuminada sciencia do futuro, possa jámais fazer a luz do saber nas piedosas sombras do altar, sombras eternas e ao mesmo tempo eternas luzes no firmamento do espirito humano.

Dominar a religião é apagar a religião, apagar a religião é apagar o amor, e apagar o amor é apagar o infinito.

O que ha porém de mais notavel é o progresso do espirito humano que se vae todos os dias convertendo de sectario e legendario em pantheista. Quem diria aos legendarios autores do Vedanta e do Sankhya, famosos editores do pantheismo oriental, que o seu systema, a primeira palavra do entendimento ao alvorecer da humanidade, havia de atravessar tão longas cordilheiras de seculos e civilizações, para ser hoje a ultima palavra dos beijos da philosophia?!...

Perante este progresso que vem da humanidade antiga, da mais antiga humanidade de que ha noticia, que viveu na doce intimidade de Kapila e Lao-Tseu, que veio logo com as primeiras migrações ás praias da Grecia, que conversou com Xenofanes e Parmenides, que viveu com romanos e barbaros e arabes e judeus, que no seculo 17.^o renasceu na Hollanda e no seculo 18.^o na Alemanha, perante este progresso, que vem da humanidade antiga para fazer andar a humanidade moderna, é impossivel não inclinar o barrete phrygic em homenagem a tão milagrosa longevidade.

A humanidade progride, é certo, e progride incessantemente e progride em toda parte, porém não progride, felizmente, no sentido da desvairada escola a que pertence o *Memorial diplomatique*.

« A obediencia catholica ás auctoridades legitimas e a hypocrisia maçonica »

Lancemos rapidamente os olhos para a parte, em que a representação faz o elogio de sua seita. Tanto buscaram atavial-a, que ella mesma, com o ser perversa, se encherá de vergonha vendo as galas furtadas, com que seus filhos a co-

briram. A cegueira dos maçons n'este particular bem se explica com o dito de Venusino

.... *Amatorem quod amice Turpia decipiunt cæcum vilia, aut etiam hæ ipsa delectant.....*

que responde ao nosso proverbio — *quem o feio ama, bonito lhe parece* — por quanto só uma paixão em extremo cega, ou um desejo infrene de acreditar sua seita podia induzir, ou antes arrastar a SS. SS. aos gabos sobre toda exageração, que fazem do maçonismo. Arranquemos portanto as pennas, com que se enfeitou, ou foi enfeitada a gralha maçonica, e deixemol-a ver sua hedionda nudez e realidade. Agradando ainda agora os louvores, que SS. SS. tecem á seita maçonica, achamos que se podem reduzir a tres pontos, que vem a ser: da Maçonaria relativamente á Religião, e á sociedade politica e civil.

Quanto á parte religiosa, attribuem-lhe a liberdade de consciencia, e a tolerancia de todos os cultos. Concedemos-lhes de bom grado estes louvores no sentido, em que seus autores lhe tributam. Só advertiremos que, em vez de abonarem com elles a maçonaria, layram-lhe a mais prementoria sentença, que nem de seus mesmos adversarios podia ella receber, pois por sua propria boca d'elles confessam que é a seita mais inimiga do genero humano, que jámais surgiu dos antros infernaes. Com effeito, sendo o homem essencialmente um ser religioso, e sendo necessaria a religião para sua felicidade no tempo, não menos que na eternidade, todo aquelle que l'ha arranca, ou só lhe diminue a estima e o amor, tira-lhe por isso o maior bem, e a condição unica de passar alguns dias felizes n'este mundo.

Nem mais nem menos é o que procura alcançar a maçonaria com a sua chamada tolerancia, que veremos logo até onde alcança. Que quer dizer ella com a sua tão decantada liberdade de consciencia?

Querirá dizer que se tenha pena dos que se acham no erro, que os amemos, e toleremos caridosamente sua miseria? Não. Querirá significar que não persigamos, nem empreguemos violencia contra os que não seguem a mesma religião que nós? Não, que isto nós catholicos aprendemos de nossos pais na fé; pois já Santo Agostinho nos ensinava que batessesmos o erro, e amassemos o homem errado — *occidite errores, diligite homines*. — Muito mais longe vai a tolerancia maçonica. Com ella procuram seus adeptos plantar no povo o desprezo da religião, aviltar a seus olhos toda ordem sobrenatural, e tirar-lhe o unico freio das paixões, o unico meio de lograr alguns dias de paz e de felicidades. Pois que outra cousa mira a seita maçonica com o repetir-nos, e atordoador-nos sempre com sua fastidiosa e nauseabunda prégão de igualdade para todos os cultos, respeito a todas as crenças e gazalhado por todas as religiões? Com isto designa evidentemente, e quer persuadir ao povo, que isto de religião é cousa de nenhuma importancia, que siga cada um a que bem lhe aprouver, e se não quizer, nenhuma siga. Venham a ella todos os monstros do mundo desde o athêo até o polytheista, que adora os mesmos animaes; a todos abraçará e agalhará esta mãe carinhosa.

Mas se o maçonismo com os labios declara que admite todos os cultos, com as obras dá cabal explicação de seus verdadeiros sentimentos. Ou para melhor dizer, com as palavras e com as obras desmascara suas verdadeiras intenções. Não está ella ali alardeando que seu fim é combater a superstição, o jesuitismo, o dominio clerical? Ora todos sabem, que debaixo d'estes nomes capciosos os maçons entendem a Religião Catholica Apostolica Romana. Com effeito não haverá superstição no Mahometismo, no Judaismo, no Protestantismo e nas outras seitas, que a maçonaria finge respeitar escrupulosamente? Porque não as combate? Porque não diz palavra contra seus dogmas? Porque só na Igreja Catholica enxerga superstição e fanatismo? A razão é obvia: a maçonaria é inimiga figadal do Catholicismo, e tão entranhavel, que mais facil será haver sociedade entre a luz e as trevas, do que entre este e aquella. Por quanto a maçonaria é a expressão do principio de Satanaz, ou é a rebelião incarnada: sua divisa é não obedecer nem a Deus, nem a seus representantes, é o *non serviam* de Lucifer. Ora, sendo a Igreja a mantenedora dos direitos de Deus cá na terra, consistindo a essencia de seu espirito

na submissão da razão humana á divina, e da vontade do homem á vontade de Deus, força é que por esta opposição de principios sejam inimigas irreconciliaveis. D'ahi parte a guerra que lhe faz a maçonaria. Como porém esta seita ainda não se julga assás poderosa para medir-se com ella frente á frente, recorre ámanhã, para lançar poeira aos olhos dos simples, dizendo que só combate o jesuitismo, a superstição, o fanatismo, o romanismo, etc. Mas notae, por superstição ella entende toda crença que não quadra nos acanhados limites da razão. Crer em Deus trino e uno é superstição, crer em Jesus Christo Deus e Homem é superstição, crer que Maria Santissima é Virgem e Mãe é superstição, são em fim superstições para estes tolerantes e caridosos irmãos da troilha todos os dogmas que nós catholicos cremos e confessamos. Para elles é jesuitismo reconhecer o Papa como Vigario de Jesus Christo, obedecer á sua auctoridade, confessar os altos privilegios inherentes á sua dignidade; é jesuitismo receber Sacramentos, orar nas igrejas, acudir ao Pontifice em suas necessidades. Todas estas cousas, isto é, toda doutrina catholica, estes impios professam combater e destruir, e depois nos vem dizer mui anchos que seguem a mais perfeita tolerancia para com todos os cultos: menos para o catholico, acrescentamos nós, ou antes acrescentam os factos por elles praticados. Na Europa e na America é a mesma a linguagem da maçonaria: de maneira que estes, que por cá fazem tanto barulho, não são mais do que uns pobres copistas das blasphemias, que seus mestres de lá proferem. Contentar-me-hei com uma ou outra citação. «A maçonaria é uma luta contra o mal, prejuizo, erro e superstição.» *Chemin-Dupontés* t. 2 pag. 22.) «É uma luta contra o fanatismo religioso.» *Monde maçonique* 1864 pag. 487. O Ir.^o Collin em uma festa maçonica a 10 de Janeiro de 1856, em um discurso digno da boca de Satanaz, rompeu n'estas palavras, fallando da Religião Catholica. «Queremos nós, emfim, esmagar a infame ou agental-a?» E toda reunião o acolheu com calorosos applausos. Não vos parece, leitores, elegantissima esta tolerancia do maçonismo?

E como tem ainda estes senhores animo de fallar-nos em tolerancia religiosa e liberdade de consciencia? Não são elles que pretendem ligal-a com um criminoso juramento, e este tão rigoroso, que em certos casos ameaçam com a morte os violadores? E oxalá parasse o negocio em ameaças sómente! Se isto não é burlar o publico, não sei o que o seja. Exigem um juramento cego de guardar um segredo do que ainda não conhecem os que o prestam, exigem uma obediencia cega de executarem á risca, e peor do que escravos o que lhes fôr imposto por chefes, de cuja honradez e virtude talvez muito se possa duvidar: com abominaveis ceremonias e imprecações buscam embair os mesquinhos que acertam de cahir-lhes no laço, para com o terror d'ellas e com o medo das ameaças precedentes serem instrumentos cegos das vontades dos chefes, e dizem sobre tudo isto que prégam e defendem a liberdade de consciencia!!!

Estes senhores capacitam-se talvez que fallam aos hugres de nossas matas ou aos broneos filhos da costa d'Africa.

Demais, vejamos como elles executam na pratica sua tão encomiada tolerancia e liberdade. Para elles assolharem seus erros, perverterem os simples que lhes dão ouvidos, têm reuniões secretas cujos mysterios nem as auctoridades civis podem penetrar, para empeçonharem o Brazil todo com diarios e periodicos dignos só do maçonismo; para isto e para o mais haja toda a liberdade e tolerancia. Mas se os Bispos querem executar as leis da religião, que juraram observar, aqui d'el-rei! Gritam, chamam, fazem conciliabulos para lhes irem á mão; recorrem aos poderes do Estado, para cohibirem os Prelados que não cumpram suas obrigações, e até ameaçam acabar com toda essa raça de jesuitas, empregando os recursos de que dispõe a criminosa seita, como com espanto nosso lemos em uma felicitação dirigida por certa loja n'esta corte ao idolo do dia. Chegam a ponto de excitar o povo para queimar os palacios e igrejas e matar bispos e padres, como se pôde ver nos n.^{os} 40 e 41 do «Pelicano» do Pará do anno proximo passado. Este procedimento, de que só entre os barbaros se acharia exemplo, é inculcado pelos maçons em suas folhas, e elles com o mesmo rosto com que o prégam animam-se a dizer aos representantes da nação que de-

fendem a tolerancia e a liberdade de consciencia *Credat judeus Apella*.

A' vista d'este bello especimen de maçonica tolerancia escusado é relatar outros factos do mesmo genero, mas não de tão grande vulto. Citarei contudo um só exemplo para maior esclarecimento dos leitores. Todos se lembram do modo victorioso com que o revd.^o padre Esberard pulverizou os escrevinhadores maçonicos n'esta corte o anno passado e da maçonica cortezia com que foi tratado pelos irmãos unicos. Isto não nos admirou nada, porque já o esperavamos. Parecia porém logico que estes senhores, todos amantes das luzes e derramadores d'ellas, concedessem-nos liberdade de manifestar nossas idéas, que se discutisse e delucidasse a questão de parte a parte, e se exhibissem os factos, pelos quaes melhor do que pelas palavras se conhece a verdade de certas afirmações.

Tal devia ser seu proceder n'este lance, se fossem o que de si propalam. Mui longe porém estava de ser assim. Alguns artigos que mais desmascaravam a maçonaria com argumentos e com factos não houve jornal n'esta corte, d'esses que aceitam tudo, que os quizesse publicar.

E por haver o «Diario de Pernambuco» ousado transcrever os artigos do padre Esberard, de que acima fallamos, o orgão maçonico, n'aquella provincia, dirigiu uma especie de proclamação a todos os maçons para que retirassem d'elle suas assignaturas. Tão amigos são elles da liberdade?!

Quanto aos beneficios da maçonaria nos negocios politicos e civis são elles tão patentes, que escusam qualquer resposta. Uma sociedade que forja seus planos tão recatadamente que nem os governos os podem alcançar, e que só deixa ver a casca especiosa, que lhe convém mostrar, deixando o amago nas trevas de um profundo segredo, não pôde ser senão de grande proveito para o bem commum tanto da tranquillidade publica como dos interesses particulares. Os factos que n'esta materia são o *non plus ultra* das razões humanas o demonstram peremptoriamente. Para que ninguem suspeite que assucamos á maçonaria ou que lhe attribuímos crimes inventados por seus adversarios adrede para desacredital-a, os factos que aqui citamos vão abonados por autores maçons e de nomeada e credito n'esta seita. O Ir.^o Pelletan («Monde maçonique» de 1873) afirma que não ha revolução nenhuma em sentido democratico que não seja devida á maçonaria.

A grande revolução franceza do seculo passado foi urdida nas lojas secretas e executada em sua maior parte pelos maçons. E' o Ir.^o Blanc quem o afirma na sua «Historia da revolução franceza.»

O Ir.^o Venturini («Histoire de la France-Maçonerie») diz que foi a maçonaria a autora da revolução de 1736 na Suecia. A morte do rei Gustavo III foi executada pelo Ir.^o Ankarstroem. A maçonaria é attribuida a revolução de 1830 pelo Ir.^o Rebold e a de 1888 pelo Ir.^o Lamartine.

O Ir.^o Mansdorf confessa ingenuamente que desde 1831 a maçonaria tratava de abater todos os principes allemães, á excepção do rei da Prussia, de dar a este a corôa de todo o imperio germanico, e reduzir a França aos limites primitivos, para depois formar da Alemanha unida uma republica social. Os acontecimentos já confirmaram em parte estas revelações e se estão encaminhando para realisar o que ainda falta.

Toda a revolução italiana que derribou tantos principes de seus thronos e expoliou sacrilegamente o Pontifice de seus Estados, é obra unica da maçonaria, como o declara o Ir.^o Anghera: e por isso tantas ovações tem merecido dos pedreiros livres do orbe e não menos dos do Brazil.

Não fallemos dos beneficios da maçonaria em nossa patria; bastava citar a abdicção de D. Pedro I, a perseguição feita a José Bonifacio, a conjuração para acabar com os Portuguezes em Mato-Grosso, para ficarem sobejamente abonados os serviços que esta seita presta á humanidade.

Mais de sessenta thronos destruidos em menos de um seculo ou pela maçonaria ou pela influencia de suas perversas doutrinas, nenhuma paz firme, o despreito ás auctoridades, a descrença do povo, a confusão, a desordem, a espantosa corrupção dos costumes são attestados sufficientes d'esses mimosos favores com que SS. SS. pretenderam ataviar sua seita.

Os maçons se julgam todos irmãos, e buscam o que convém á mãe commum, á maçonaria, á custa da patria, da fami-

lia, dos parentes, da amizade e de tudo. Uma traição á patria, uma deslealdade ao principe, um homicidio, ou muitos, a entrega de um exercito, a protecção de ladrões, de assassinos e de qualquer facinoroso, tudo se torna para elles não só licito mas até um acto de virtude, como lhes pareça que o bem da seita o exige. D'isto temos sobejas provas em muitos factos da historia moderna, confessados pelos mesmos irmãos *universaes*, e que pudemos exhibir se não fossem bastantes os que havemos adduzido. E' muito para admirar o arrojo dos maçons, que tendo sobre si esta immensa carga, ainda se appellidam edificadores de templos á virtude e de masmorras ao vicio.

Não é portanto sem fundamento que todos os governos fizeram guerra ás sociedades secretas, as quaes só começaram a ostentar-se depois que acharam meio de se introduzir no poder, como acontece hoje em quasi toda a parte. Ufane-se muito embora o maçonismo, alardêe seu poder e seus recursos, clame, insulte, ameace; virá tempo, e talvez não mui remoto, em que elle volverá aos antros d'onde sahiu para flagello da Igreja e da humanidade. Muitas vezes pomposos triumphos são vespersas de funeraes dolorosos, e não é raro que os doentes se agitem convulsivamente como se estivessem cheios de vida no momento de se despedirem d'ella.

Póde a maçonaria perseguir deshumanamente os Bispos, o clero, e todos os catholicos como está fazendo na Allemanha, póde privar-os mesmo dos subsidios necessarios á vida, como estão praticando os philantropos maçons italianos; póde reduzir alguns Prelados ao silencio e ao servilismo, como algures fizeram. Que importa? O Deus para quem nada é grande tambem os póde precipitar em um momento de todas as alturas onde se puzeram, assim como de chofre precipitou do céo o anjo rebelde, que é o chefe e inspirador dos maçons, e assim como tem sempre aniquillado todas as seitas perseguidoras de sua Igreja. E para crermos que assim o fará, temos a experiencia confirmada pelos factos de dezenove seculos.

Depois do que havemos expendido razão temos para pormos de sobreaviso os Brasileiros contra as imposturas e manejos d'esta impia e criminosa seita. Com pés de lã, como lá dizem, querem tomar conta do povo brasileiro, promettendo não sei que felicidades sempre sonhadas, nunca realizadas. Promettem paz, quando declaram á Igreja de Jesus Christo a guerra mais encarniçada de todas, porque trazendo nos labios o riso hypocrita, e o osculo de Judas recozem no peito um odio infernal. Promettem paz, quando por confissão d'elles mesmos, seus irmãos têm coberto a face da Europa de guerras, de luto, de sangue e de cadaveres. Promettem paz, quando combatem a fogo e sangue o Papa, os Bispos, os sacerdotes e todos os catholicos, porque não commungam suas idéas.

Promettem felicidades e novos seculos de ouro, ao passo que contra elles protestam e bradam as miserias da Italia, da Hispanha e de Portugal, hoje pequeno em tudo, e só grande em dividas e pobreza. Promettem *liberdade, igualdade e fraternidade* e estão opprimindo os ecclesiasticos na Italia, perseguindo os Bispos na Allemanha, extinguindo os conventos na Hespanha: se o pudessem fazer no Brazil, nós catholicos, teriamos de passar pelas mesmas forças caudinas.

Acautelae-vos, portanto, ó Brasileiros, dos laços d'esta insidiosa serpente: sirva-vos de escarmento o que soffrem nossos irmãos de outras terras, para prevenirmos o mal enquanto é tempo. Cerrem-nos á bandeira da religião, e seremos invencíveis.

E vós, ó illustre Prelado, que tão animosamente affrontastes as iras dos inimigos da Igreja, raivosos por se verem descobertos, prosegui desassombrado no caminho do dever, que a victoria é vossa. Acompanham-vos todos os catholicos do Brazil e do mundo, abençoando-vos e com suas orações vos prestam mais valioso auxilio do que o ouro, a imprensa, os clamores e ameaças do maçonismo jámais poderão alcançar. Se fór necessario trilhar o caminho do martyrio, não longe de vós talvez encontreis a animação e o exemplo. A perseguição dos máos é o pedestal immorredouro do throno da virtude n'este mundo, ao passo que lhe vae lavrando corças de eterno esplendor para a vida futura.

O Catholico Brasileiro.

Adoração dos Magos.

Vidimus enim stellam ejus in Oriente, et venimus adorare eum.

S. MATH. 2.

Quá nos ceos do Oriente nova estrella
Em Gessen por Jacob prophetizada,
Surgingo mostra aos Magos a morada
Amilde, onde um prodigio se revella,
Sobre o collo allí 'stá de Virgem bella,
Mimoso creancinha reclinada;
A pesar de pobreza rodeada,
Reconhecem que um Deus s'esconde 'nella
Incenso, myrrha e ouro, e seus brazões
Villi depoem c'oa regia gerarchia,
Cantando-lhe seu preito e adorações.
Os Magos imitemos 'neste Dia.
Sejam—offerta—os nossos corações,
E a—estrella—busquemos em Maria.

Braga, Janeiro de 1874.

Correia Junior.

Noticias de Roma.

Disseram alguns jornaes que o Santo Padre por meio d'uma bulla dispensára os novos cardeaes de certas formalidades em uso por occasião de sua promoção.

Não é exacto. O Santo Padre nomeou uma commissão de cardeaes para que ella resolvesse sobre as formalidades que, em vista das circumstancias, era conveniente prescindir

Esta commissão apresentou seu parecer com o qual Sua Santidade se conformou. Todas as disposições tomadas a tal respeito são temporarias e vigorarão só enquanto os tempos não melhoram. O Santo Padre dispensa os novos principes da Igreja do *Recebimento* e de todas as solemnidades exteriores do costume. Este *Recebimento* e estas solemnidades exteriores terão lugar apenas as circumstancias permittam a Sua Santidade dar o chapeo aos cardeaes n'um consistorio publico.

Os mestres de ceremonias de Sua Santidade apresentarão aos novos cardeaes, em sua residencia, e na manhã do dia de sua promoção, um bilhete de convite que fixará a hora em que o Papa lhes imporá o barrete cardinalicio.

Para se apresentarem a esta cerimonia, bem como para sairem d'ora avante até melhores tempos, na cidade de Roma, os cardeaes terão uma só carruagem sem insignias, um só cocheiro e um creado de farda sem librê. Acompanhal-os ha um só ecclesiastico.

Os habitos cardinalicios são tambem temporariamente simplificados.

Outras formalidades que precedem e se seguem á recepção do barrete são tambem provisoriamente supprimidas.

O Papa encarregou o cardeal Bibio de levar aos RR. PP. Tarquini e Martinelli a noticia de sua promoção.

Quando o R. P. Tarquini foi agradecer ao Papa, Sua Santidade disse-lhe:

« Não tinha até agora pensado em dar a purpura a um jesuita, mas determinei-me a isso a perseguição que soffre vossa companhia. Entendi necessario protestar contra os perseguidores e dar a vossos irmãos e a vós um testemunho de afeição e estima ».

Que gloria para a companhia de Jesus!

O R. P. Tarquini nasceu em Marta, perto do lago de Trasimeno em 1810. professor de direito canonico na Sapiencia, consultor do Santo Officio, da Propaganda, dos negocios extraordinarios e theologo da Penitenciaria apostolica era ha muito conhecido no mundo romano assim por sua sciencia e zelo como por sua piedade.

O R. P. Martinelli nasceu em Luca em 1827. Era assistente do geral da ordem dos monges agostinhos, ensinava a Escripura Sagrada na Sapiencia, era membro do collegio historico e consultor do Indice. Sua doçura, bem como seus conhecimentos haviam fixado n'elle a attenção de Sua Santidade.

Sua Santidade Pio IX recebeu no dia 12, no Vaticano, grande numero de senhoras romanas e estrangeiras. Pronunciou n'essa occasião um discurso, no qual recommendou ás mães que tivessem seus filhos em guarda contra as seducções revolucionarias, causas de todas as suas tribulações.

Deplorou que a paz não voltasse ainda. Disse que a Igreja e o mundo soffriam agora os rigores da justiça divina.

Recommendou para que rogassem a Maria, canal da graça, a fim de que a luz succeda ás trevas e o repouso ás agitações politicas.

Accrescentou que para obter o termo das calamidades actuaes deve-se praticar boas obras e fazer piedosas rogativas.

O Papa recebeu em audiencia particular Luiz Veillot, testemunhando-lhe a maior benevolencia. O snr. Veillot tem sido objecto das maiores attentões da parte dos prelados e familias nobres de Roma.

A volta do snr. de Courcelles produziu viva satisfação no Vaticano.

Assegura-se que o segundo Consistorio se realizará a 18 de março.

Sete guardas nobres serão encarregados de levar os chapéus cardinalicios aos novos cardeaes efeitados que residirem longe de Roma, e que são tres em França, tres na Austria e um em Portugal.

A camara tomou em consideração uma proposta para se tornar extensivo o direito eleitoral e politico a todos os italianos de 21 annos que saibam lér e escrever.

Noticias da Suissa.

O governo que ainda ha pouco passava por ser o mais liberal da Europa acaba de enviar ao representante da Santa Sé na Suissa a seguinte nota pharisaica:

« O Conselho federal recebeu a 8 d'este mez, por intermedio da legação da Confederação suissa junto de S. Magestade o rei de Italia, communicação do texto official d'um documento intitulado *Epistola Encyclica* que Sua Santidade o Papa IX (*sic*) dirigiu em data de 21 de novembro de 1873, aos patriarchas, princezes, arcebispos e bispos da Igreja catholica.

Se este documento, que teve na Suissa completa publicidade á qual lhe dá direito a liberdade de imprensa, se limitasse a promulgar sobre questões de doutrina ou de disciplina ecclesiastica as decisões do soberano Pontifice da Igreja romana, o conselho federal nada teria que ver com elle. Elle respeitou até hoje e procurará sempre fazer respeitar a liberdade de crença das diversas confissões.

Pelas propostas que elle fez, ha já muitos mezes, á Assembleia federal para o regulamento constitucional das questões ecclesiasticas, provou, como até o reconheceu o snr. encarregado dos negocios da Santa Sé n'uma conferencia recente com o presidente da Confederação, que está animado a respeito de todos os cultos de um espirito de justiça e de imparcialidade.

Mas a *Encyclica Elsi mulcta luctuosa*, de 21 de novembro de 1873 contém, a respeito de diversas actoridades legitimamente constituídas na Suissa e de certas disposições tomadas regularmente por essas auctoridades, accusações da natureza mais directa e mais grave.

No numero d'essas accusações figuram a de haver violado a fé publica (*obstante etiam data publice fide*), e a de haver pela expulsão d'um gadre do territorio suisso, commettido um acto vergonhoso e cheio de ignominia assim para os que o ordenaram, como para os que o ordenaram, como para os que o executaram (*foeda et indecora mandantibus atque exequentibus*).

Com quanto não exista já o poder temporal dos Papas, o conselho federal intendendo dever conservar até hoje relações diplomaticas e officiaes com a Santa Sé. Fel-o assim por deferencia ao soberano Pontifice e á sua situação presente, por consideração pessoal ao actual encarregado dos negocios da Santa Sé, a cujo espirito de conciliação se compraz em render homenagem, e em respeito aos sentimentos religiosos dos catholicos suissos.

Mas, como, desprezando estas relações e as deferencias que são consequencia elementar das mesmas relações, o Papa, profere com desassombro contra as auctoridades suissas e seus actos accusações graves e repetidas, é do dever e dignidade do Conselho federal reconhecer que uma representação diplomatica permanente da Santa Sé na Suissa se tornou inutil. O Conselho federal tem, por tanto, a honra de levar esta resolução ao conhecimento de Mons. Agnozzi e de convidal-o a participar ao seu governo que a datar d'este dia e em vista do proceder da Santa Sé, a Confederação Suissa não póde mais reconhecer o encarregado dos negocios do Papa, como diplomata acreditado perante ella.

O Conselho federal roga a Mons. Agnozzi fazer-lhe saber o dia em que se propõe partir. Elle tomará as medidas necessarias para que, até esse dia, o encarregado dos

negocios da Santa Sé goze de todas as attentões devidas e a seu caracter diplomatico.

Expressando a Mons. Agnozzi o sentimento com que toma a determinação que faz objecto da presente nota, o Conselho federal aproveita o ensejo de testemunhar-lhe sua distincta consideração.

Berna, 12 de dezembro de 1873. Em nome do Conselho federal suisso, o presidente da Confederação, — *Cresole*. O chanceller da Confederação, — *Schiess*.

Noticias de Hispanha.

Das cartas de Madrid para o «Direito»: Como as visinhanças de Tolosa ficaram limpas de republicanos, os batalhões carlistas de Lizarraga tornaram a sitiar a capital foral de Guipuzcoa, com a circumstancia agravante de que agora os nossos amigos tem já peças e a praça não póde contar com o auxilio da columna de Loma, pois este cabecilha, segundo annuncia a «Gaceta», desceu ha dias d'Oyarzun e encerrou-se em S. Sebastião, de modo que Tolosa fica abandonada a seus proprios esforços, que não serão muitos nem muito importantes por quanto principia a experimentar os rigores da fome.

Mas ha ainda alguma coisa mais grave, que n'esta occasião não se atreveu a occultar o governo, talvez porque assim lhe convem para os seus fins politicos.

Segundo annuncia o general Moriones de Castro Urdiales com data de 29, Bilbao acha-se seriamente ameaçada pelo exercito real. A ria foi interceptada e é impossivel abrir passagem.

Esta e outras noticias d'origem official, descrevendo as importantes vantagens dos carlistas que sitiam a capital da Biscaya, acabam de assustar os liberaes; mas nos circulos carlistas acrescentam-se ainda algumas circumstancias importantes.

Diz que o exercito real tem dous morteiros fundidos em Artaga e algumas das peças recebidas ultimamente. Parece que o inteligente e activo general Elio se propõe emprender o sitio de Bilbao de forma mais seria e decisiva, aproveitando a desorganisação e dispersão do exercito republicano.

Em Guipuzcoa ficaram, além dos batalhões da divisão Lizarraga, que cercam Tolosa, todas as forças alavez, que é possivel se dirijam a Estella para dar uma severa lição a Primo de Rivera, cuja columna não se atreve a sair de Tafalla.

Estas e outras noticias d'igual natureza circulam de bocca em bocca, por mais que são muito escassas as cartas que chegam da Biscaya, pois estão interrompidas as communicações. Mas que o estado das provincias do norte é considerado como gravissimo pelo governo, prova-o o seguinte facto:

A' noute, segundo affirmam os periodicos ministeriaes, verificou-se no palacio da Presidencia uma reunião de generaes para tratar dos meios indispensaveis para combater com efficacia os progressos do carlismo nas provincias do norte. A esta reunião assistiram o presidente do poder executivo, o das côrtes e o ministro da guerra, e guarda-se muita reserva sobre as resoluções que n'esta reunião se tomaram.

Mal deve achár-se o doente quando os medicos não se intendem e se reúnem em juntas; mas felizmente para nós o liberalismo não possui especificos bastantes e efficazes para combater a morte que o ameaça e evitar a tumba que lhe está abrindo o heroismo dos defensores da causa tres vezes santa.

Confiamos no feliz exito d'esta segunda etapa de operações militares que emprehende o exercito real do norte, cujas victorias episodios chegarão opportunamente ao conhecimento dos leitores do «Direito».

—Depois do norte, o districto militar de Valencia é o que tem o privilegio estes dias de chamar a attenção publica. Dous importantissimos feitos d'armas tiveram lugar recentemente n'este districto. Os carlistas entraram em Sagunto e os aguerriados batalhões do general Santés derrotaram a brigada republicana Weiler.

A respeito do primeiro successo, eis aqui alguns paragrafos d'uma carta com data de 26 me escreve um official adido ás forças que commanda o general carlista Palacios.

Campo da honra 26 de dezembro.

Meu querido Amigo.

Os periodicos te haverão annunciado a nossa entrada em Sagunto, que foi um ver-

dadeiro acontecimento militar, se se atender aos meios de defeza com que contava a povoação, as bravatas que atiraram contra nós os seus voluntarios e escassas forças com que empreendemos o ataque, pois não chegavam a 2 mil homens, parte da divisão que commanda o nosso bizarro e entendido general sr. Palacios.

A empreza foi levada a effeito sem que haja grandes desgraças a contar.

Entramos na povoação surpreendendo a guarda, tornamo-nos senhores das principaes casas, desarmamos os voluntarios conforme iam acudindo á voz d'alarme e alguns que se tinham intrincheirado no municipio e na egreja tiveram que render-se dentro de poucas horas.

A nossa estada em Sagunto durou tres dias e não desaproveitamos o tempo.

Recolhemos mais de 400 armas de diferentes classes, munições em abundancia e 15 a 16 mil duros de contribuição e fundos municipais.

Os fortes ficaram destruidos e n'esta empreza nos ajudaram muito os proprios moradores, pois é sabido que Sagunto é um povo eminentemente carlista.

Agora vão concentrar-se todas as forças d'este districto para emprender outra operação mais importante. Ninguém nos persegue, porque o capitão general que saiu de Valencia teve que regressar á mesma cidade com receio de desordens.

Em quanto á acção de Bocairente, foi uma grande victoria que alcançou o invicto Santés, não só pela acção, como pelas suas consequencias, para nós felicissimas.

Depois da acção e em prova da sua victoria dirigiu-se Santés a Mogente, no dia 23, e ali deteve na estação o caminho de ferro de mercadorias, que conduzia 175 magnificos cavallos da requisição official de Valencia; tomou-os, assim como uma companhia de tropa e alguns officiaes que iam custodiando o gado, e para que a operação fosse completa embarcou n'este trem os feridos que teve na acção d'aquelle mesmo dia.

Calcula uma folha que não foi menos de 4 milhões o importe dos cavallos apreendidos, taxando cada um d'elles no infimo preço de 2500 reales; mas não é a quantidade o que mais importa; é que esses cavallos representam dous novos esquadrões carlistas.

—Na Catalonha continua o ataque de Olot pelas forças que commanda Saballs.

O general Toron saiu de Barcelona com uma forte columna em auxilio dos sitiados; mas duvido muito que consiga o seu fim.

Tristany com 2 mil infantas e 300 cavallos dirigiu-se a Tordera e Blanes, na via ferrea de Gerona, propondo-se sem duvida atar alguma povoação importante d'aquelle provincia.

—No Aragão continua Gamundi a recrutar gente e cobrar contribuições.

Marco de Bello passou o Natal em Cantavieja; mas não perdeu o tempo, pois completou a organização dos seus batalhões, tres dos quaes se acham actualmente em Mirambel.

Espera-se d'um momento para outro a chegada do general Cevallos, que hade pôr-se á frente de todas as forças carlistas do Aragão.

Nas demais provincias levantadas tudo prospera admiravelmente.

O anno de 1873 viu formar-se um exercito de cruzados, que ao santo grito de Deus, Patria e Rei aspiram a limpar a Hispanha da lepra do liberalismo e devolver-a purificada ao monarca chamado pela lei a reger os destinos. O anno de 1874, mais afortunado ainda do que o que hoje acaba, verá o termo d'esta lucta e presenciará o triumpho definitivo da causa carlista.

O anno que hoje acaba veio-nos cumular de misérias e desgraças ainda augmentadas com a proclamação da republica. No anno que amanhã principia o arco iris da misericordia divina apparecerá sobre o horizonte da Hispanha e da Europa inteira, coberta ao presente por densas nuvens, que tem agrupado o espirito da revolução, que é o espirito do mal.

SECÇÃO NOTICIOSA

Deputados por Braga. — Diz-se que se propõe, como candidatos governamentais, por este districto, os snrs. drs. Jeronymo Pimentel, irmão do actual administrador do concelho, e Gonçalo Bertian-des, filho do ex.^{mo} Conde de Bertian-des.

Parece-nos pouco razoavel, para não dizer, muito absurdo e até paradoxo, que o governo auctorisasse, para representar, dous individuos, aliás muito dignos, que

se pleiteiam competencias no campo de questões pessoais, onde não se deveria considerar cousa alguma, a não ser a honradez, o caracter, a dignidade, o merito, e sobre tudo, o desinteresse e o amor da religião e da patria. Dá-se, pois um caso, inteiramente novo, nas paginas da historia contemporanea, isto é, dous individuos do mesmo genero, e até da mesma especie, em politica, rivalisarem em questões de merito pessoal.

Não comprehendemos! O futuro (tempo) explicará melhor o que ora não passa de meras conjecturas e simples supposições. Não podemos, entretanto, deixar de avisar os nossos correligionarios, que ainda sentem amor e coragem pelos seus principios, a que estejam de sobre-aviso e opinião antecipada com o chamado partido liberal, pois este o esteve para com o nosso partido, a respeito d'um seu representante na imprensa, o jornal o «Futuro», na questão do seu julgamento.

Talvez (?) seja, agora, occasião opportuna de mostrar a *alguem* que existe um partido, que não é, como disse, no julgamento d'este jornal, o sr. delegado, *uma fracção pequenissima*, mas sim um partido forte, que, apesar de não trabalhar collectivamente, mas individualmente, levou na eleição passada a maior parte dos votos.

Dezajarmos dizer o quanto peza na balança eleitoral o nosso partido, que alguém tanto ridicularisa; mas deixamos (talvez!) para o acto a solução d'este problema. Não somos *tão poucos e tão pequenos*, que não mereçamos o respeito de nossos adversarios! Havemos de mostrar-lhe que quando queremos, podemos muito, senão... Se alguém tem brios e segue esta maxima: *homem d'um só caracter, de um só parecer, antes quebrar que torcer*, olhe para a cadeia e veja lá não um simples homem, mas um fiel correligionario, e aguarde as resoluções que a razão, a justiça e o direito, um dia, lhe prescreverem. Se nos abaixassemos até á abjecção, certamente que o nosso editor não generia, hoje, debaixo de ferros; porém, elle, e nós com elle, preferimos a integridade de caracter, a honradez de procedimento, a transigencias banaes, irrisorias e vergonhosas até! Não somos sómente, um grupo de facciosos, anarchistas, etc., etc., como nos chamou o sr. delegado, somos uma pleiade de jovens, que, até hoje, não vendemos a consciencia em hasta publica, não trocamos a defeza de nossos principios pela clamyde consular, ou pela vara do lictor! Somos poucos, é verdade, mas, pelo fervor de nossas crenças, pela dedicação de nossos principios, pelo entusiasmo de nossa causa, arrastamos, conosco, os homens que nos dão o concelho e a experiencia, e que em occasião opportuna saberão fazer do dever uma honra, do sacrificio uma gloria, da vida um tributo em pró da religião e da patria!

Seremos tolerantes até á resignação; porém não seremos fracos até á cobardia! O partido que nós indignamente representamos, não entra em luctas eleitoraes, é verdade, pois não reconhece tal meio para vingar a sua causa, porém deixa a cada um de seus partidarios, a liberdade de mostrar a essa gente, que ahí nos alcanha de *fracos, inúteis e parasitas*, o quanto vale a convicção desinteressada, a dedicação generosa, o amor á verdade e á justiça.

—No dia 4, por 8 horas da manhã, falleceu na sua casa, na villa dos Arcos, o nosso presadissimo e saudoso amigo, o ill.^{mo} e ex.^{mo} Jacome da Rocha e Brito, da casa de Requejo.

Era o tipo d'um perfeito e distincto cavalheiro da provincia.

A sua memoria será sempre lembrada com saudade, porque, sua alma era adornada das mais raras e sublimes virtudes, e entre ellas sobresahia a da humildade; poucos dias antes do seu fallecimento, que esperava com a maior resignação christã, pedia aos seus amigos da imprensa para que se lhe não publicasse necrologio algum, que reputava vaidade.

Foi sempre filho obediente, extremoso marido, carinhoso pae, bom irmão e excellente amigo.

O partido legitimista perdeu n'elle um dos seus melhores e sinceros defensores n'esta provincia, a religião um de seus filhos mais exemplares, e a pobreza um generoso bemfeitor.

Damos a sua saudosa esposa e familia

os nossos mais cordeas pezames, e pedimos por sua alma um P. N.

Roubo sacrilego. — Acaba de ser roubado da cathedral de Granada o valioso quadro de Alonso Cano. Julga-se que o ladrão affim de fazer a salvo o roubo, ficára ao fechar das portas escondido dentro do templo.

Ainda não ha muito, que ao professor Gambiú da mesma cidade, foi roubada uma escultura da Virgem, que valia dez contos de reis.

Estes roubos são necessariamente feitos, com a ideia de os vender no estrangeiro.

Incendiario. — Da Covilhã communicam á «Atalaia» de Vizeu o seguinte: Foi ha dias preso um homem do lugar do Ferro d'este concelho, o qual se divertia em pôr fogo ás casas das pessoas a quem queria mal.

Este famoso athleta das *sympathicas ideias da internacional* sacrificou a sua liberdade aos *bons principios* que abraçou. A acção da justiça vai em breve demonstrar-lhe que Portugal ainda não está para tão sublimes ideias.

Entrega a S. M. do barrete cardinalicio para o Em.^{mo} sr. Patriarcha de Lisboa. — Lê-se no «Diario do Governo»:

«Hontem teve a honra de ser recebido por sua magestade no paço da Ajuda, monsenhor Luiz Matera, encarregado de negocios da Sancta Sé, para depositar em suas reaes mãos o breve, pelo qual o Summo Pontifice o nomeára seu ablegado apostolico junto do mesmo augusto senhor, para a entrega do barrete cardinalicio, destinado ao em.^{mo} Cardeal Patriarcha de Lisboa.

Por essa occasião pronunciou o mesmo ablegado o seguinte discurso:

Sacra Reale Maestá Fidelissima — Ho l'alto onore di rassegnare nelle auguste mani di Vostra Maestá il Breve, con che il S. Padre si è dignato destinarmi a Suo Ablegato apostolico presso la Maestá Vostra nella cerimonia d'ella presentazione della berreta Cardinalizia all'Eminentissimo signor Cardinale Ignazio do Nascimento Moraes Cardoso, Patriarcha de Lisboa.

Vostra Maestá, che conosce già da molto tempo le particolarí ed esime doti, che si bellamente adornano il novello Porporato, proverá, ne sono certo, una vera soddisfazione nel concorrere a remunerarne i meriti, e nel vederlo inalzato alla dignitá Cardinalizia, imponendogliene la berreta.

Non posso poi esprimere a Vostra Maestá l'allegrezza, che sento, nelle essere stato a compiere presso la Maestá Vostra, l'onorevole incarico benignamente affidatomi. La benevolenza che Vostra Maestá ha voluto mostrarmi dacehe, sono quasi due anni, sostengo la gestione della Nunziatura apostolica nel suo fedelissimo Regno, mi fa ardito aperare la continuazione del Reale Suo gradimento anche in questa solenne faustissima circostanza.

TRADUÇÃO

Sagrada e real magestade fidelissima. — Tenho a honra de depositar nas augustas mãos de vossa magestade o breve pelo qual o Sancto Padre se dignou accreditar-me como seu ablegado apostolico junto de vossa magestade para a cerimonia da apresentação do barrete cardinalicio ao em.^{mo} sr. cardeal Ignacio do Nascimento Moraes Cardoso, Patriarcha de Lisboa.

Vossa magestade que já ha muito tempo conhece os particulares, e exímios dotis que tão brilhantemente adornam o uovo purpurado, experimentará, tenho a certeza, uma verdadeira satisfação em concorrer para a recompensa das suas virtudes, a em vê-lo elevado á dignidade de cardeal impondo-lhe o barrete.

Não posso, pois, manifestar a vossa magestade a alegria que sinto por haver sido escolhido para cumprir junto de vossa magestade a honrosa missão que benignamente me foi confiada. A benevolencia que vossa magestade se dignou mostrar-me, desde que, ha perto de dois annos, estou encarregado da nunziatura apostolica no seu reino fidelissimo, me faz esperar ardentemente a continuacão do seu real agrado ainda n'esta solemne e faustissima circumstancia.

Sua magestade el-rei respondeu o seguinte:

Sr. Ablegado. — E' com a mais viva satisfação que recebo de vossas mãos o breve, pelo qual o Santo Padre se dignou nomear-vos ablegado apostolico junto da minha pessoa para a apresentação do barrete cardinalicio ao patriarcha de Lisboa, Ignacio do Nascimento Moraes Cardoso.

Appreciando devidamente tudo quanto

acabaes de manifestar-me em relação ao novo purpurado, muito folgo em poder assegurar-vos n'esta solemne occasião que a honrosa missão que acaba de vos ser commettida pelo chefe visível da Igreja, as vossas distinctas qualidades, e a maneira por que haveis sabido desempenhar as funções do cargo que tão dignamente occupaes, vos dão direito á minha benevolencia e particular consideração.

AGRADECIMENTOS

D. Anna Joaquina da Silva Barbosa e seus filhos, dr. Guilherme Augusto Pereira de Carvalho e Abreu, José Fernandes Duarte Barbosa e o revd.^{mo} José Maria Rodrigues da Costa Barbosa, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, servem-se d'este meio para agradecer a todos os cavalheiros e senhoras que os cumprimentaram por occasião do fallecimento de seu esposo, pae e thio, Domingos José Barbosa, cujo enterro teve lugar a 18 de novembro, na sua capella na freguezia de Serzedello, julgado da Povo de Lanhoso: a todos protestam indelevel reconhecimento. (d-149)

ANNUNCIOS

AMORÉRIAS

Vendem-se de diferentes grossuras e tamanho, de 2 a 4 annos d'idade, no Horto Agricola de Braga (cerca dos Congregados).

Quem as pertender dirija-se ao caseiro do mesmo Horto, José Clemente de Carvalho. (149)

LIVRARIA

DE EUGENIO CHARDON

JORNAL DAS FAMILIAS

O mais completo jornal de modas, publicado em lingua portugueza. Publicação illustrada, artistica, recreativa, etc. ornada de figurinos, sepias, peças de musica, desenhos de trabalhos sobre talagarça, crochê, tricot, lã e bordados, moldes de vestidos, capas, e em geral tudo o que é concernente a trabalhos de senhoras.

Esta publicação que exclusivamente trata dos interesses das familias, e que ás mães de familia e ás donzellas offerece leituras recreativas e moraes, servindo-lhes ao mesmo tempo de guia na execução de innumeros trabalhos de utilidade domestica, veio preencher uma lacuna que existia. A redacção litteraria é confiada aos homens que occupam a primeira plana na litteratura e é empregada a mais cuidadosa attenção na escolha dos artigos que, sempre variados, instructivos e ao mesmo tempo recreativos, respiram a mais escrupulosa moralidade.

Cada numero contém certa quantidade de gravuras, de figurinos de modas, modelos de tapeçaria, de bordados, de trabalhos de crochê e de agulha, tudo executado pelos melhores artistas de Pariz especialmente para esta publicação.

Dá, além d'isso, de todos os vestuarios da ultima moda moldes de tamanho natural, por meio dos quaes a mãe de familia poupada, poderá com pouca despeza, talhar e cortar os seus vestidos bem como os de seus filhos e filhas.

Por anno 5\$000 rs. franco de porte Principia em janeiro. Assigna-se na Livraria Internacional de E. Chardon.

La Illustracion española y Americana

Revista redactada por los principales litteratos, é illustrada por los artistas mas notables.

Cuatro veces al mez

Un ano 8\$400 rs. — seis mezes 4\$500 rs. Assigna-se na Livraria Internacional de E. Chardon, onde podem ser vistos especimenes d'estas interessantes publicações

La Moda Elegante Illustrada.

Album de senoras, com magnificos grabados, ultimas modas de Pariz, Patron en tamanho natural, tapiceria em cores, musica, etc. etc.

Cuatro veces al mez

Un ano 9\$600, 7\$200 ou 4\$800 rs. BRAGA: TYPOGRAPHIA LUSITANA — 1873